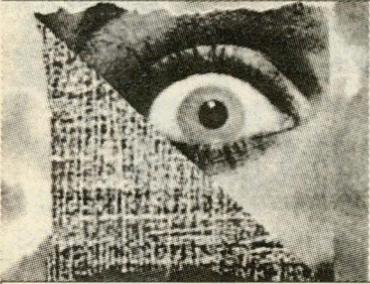


REPORTAGEM A ÚLTIMA FRONTEIRA (II)



Com a vida numa situação de perigo, dois escritores, Cardoso Pires e Philippe Labro, vivenciaram experiências com algo de semelhante, partilhando certos padrões de visão ou alucinação. Ambos fizeram do seu sofrimento um romance, com o ponto comum de saudarem com alegria o seu regresso à vida. A grande diferença está na avaliação do que passaram

# A sombra branca de Cardoso Pires

Um acidente vascular cerebral desencadeou aquilo a que o escritor chamou «a morte amável», que lhe permitiu regressar

ANTÓNIA DE SOUSA

No decurso de um acidente vascular cerebral, José Cardoso Pires viveu a experiência daquilo a que chamou a «morte amável», «a sombra branca». Essa experiência permitiu-lhe escrever um livro lindíssimo, *De Profundis*, que ficou, na sua carreira literária, como a pedra de topo, fundamental, que haveria de pesar na decisão do júri que, recentemente, lhe atribuiu o Prémio Pessoa.

A experiência de Cardoso Pires é um daqueles casos que ultrapassam o conhecimento da ciência médica. Perdeu a memória, mas a zona afectada não foi a considerada como local da memória. E, apesar da perda da memória, que foi ao ponto de esquecer o próprio nome e a capacidade de ler e escrever, foi registando fugidamente certos acontecimentos, certas pessoas, certos seres em estátua... Um caso fascinante, que veio enriquecer a vida literária, mas também a literatura médica.

«Não morri, porque ainda estou aqui», diz-nos na sua casa de Alvalade. «Quem morreu ali, o que desapareceu, foi um eu cultural. O que ficou foi um indivíduo em estado de hibernação.»

Como seres separados?

«Essa separação foi sempre ambígua. De vez em quando, lembrava-me do que tinha sido, mas não me importava. Nunca tive um só momento de angústia.»

Fala do outro como se tivesse havido uma dissociação...

«Não tinha relação com ele. O outro nunca foi uma figura real. Era um indivíduo, que eu tinha sido. O que andava por ali era uma sombra dele. Uma projecção, uma metamorfose. Tinha perdido todas as características culturais. Era a sombra branca, como lhe chamei.»

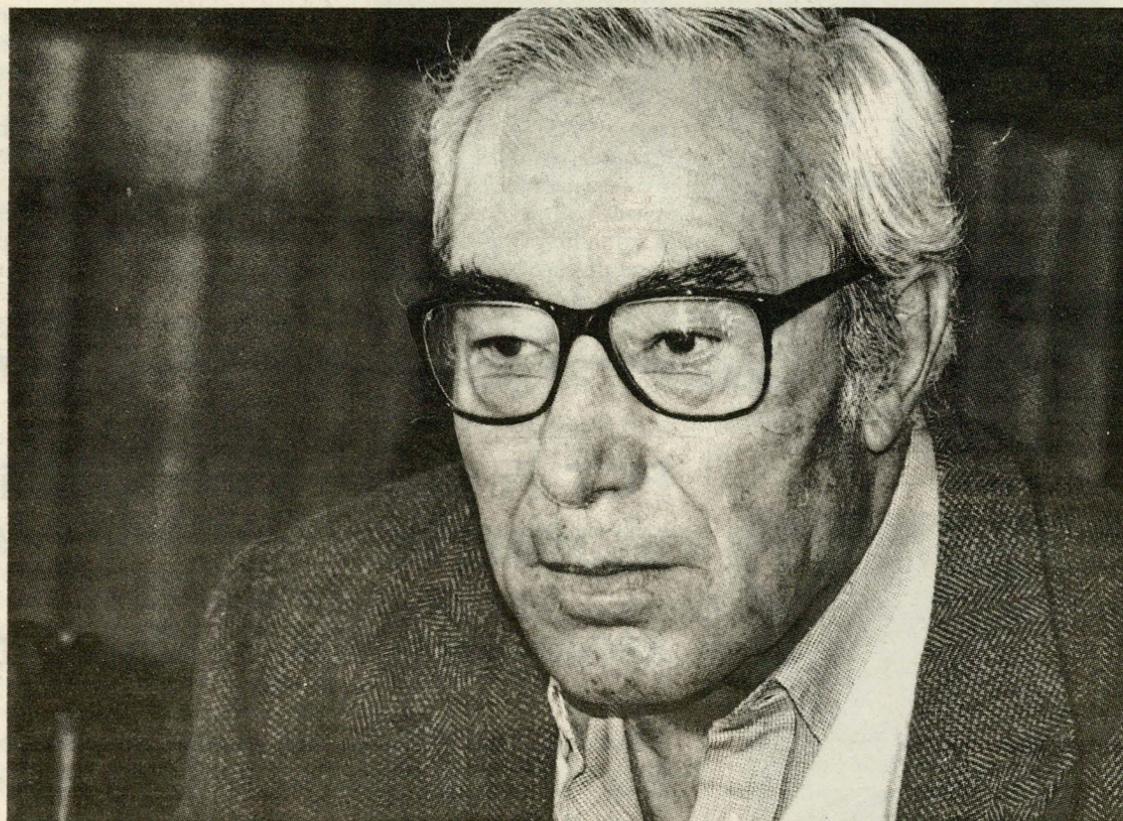
Esteve mesmo em morte cerebral, como foi noticiado?

«Pois estive. Estive sem memória. Sem memória é a morte cerebral. Sem memória não se raciocina. Deixei de saber ler, de saber escrever, não fazia nada.»

No livro, Cardoso Pires fala do outro e do que se mantém vivo. Como é que há um sem memória, nem identidade e que, apesar de tudo, tem lampejos de observação?

«Isso foi uma solução que eu encontrei para descrever um tipo que saiu de mim. Ao princípio, eu perguntava o meu nome, quem era o outro? Eu tinha uma relação com ele, mas não sabia o que era. Mas isso depois desaparece; já não há outro. Tenho que descrever alguém, que pôr um sujeito numa descrição... *O morto fez isto*. No fundo, era o que eu queria dizer. O sujeito é o morto, um estranho que eu estivesse a descrever. Ele mesmo, o sujeito, no momento em que escreve, a falar de um outro que, antes disso, está a ser descrito e que também é um eu, não dava!»

Alguns lemos um dia que «so-



VALSA LENTA. Os corredores do medo inspiraram a Cardoso Pires um livro que deixa um mar de coisas em aberto

mos porque recordamos». No fundo, é o que Cardoso Pires diz no seu livro. Somos uma personalidade. O problema filosófico que o escritor põe é o de que havia um que estava morto, ao mesmo tempo que havia um outro que estava vivo... É o problema da dissociação. Como é que explica isso?

«Isso não é explicável. Não me considerava coisa nenhuma.»

Mas via!

«Via, mas não tinha noção nenhuma... Está a levar-me para um campo onde eu sou mais fraco, onde tenho menos capacidade. A ideia que tenho é que não tinha memória e quem não tem memória não pensa. Uma das coisas que interessou os especialistas foi eu dizer que quem perde a memória perde a afectividade. Eu não tinha afectividade. Tinha uma vaguíssima relação com a minha mulher. Por qualquer razão, por qualquer farrapo de memória, ela era alguém que estava ao pé de mim e que tinha alguma coisa a ver comigo. Ela era a única. Não sabia o nome dos filhos, não sabia o meu nome. Há quem diga que este livro é uma declaração de amor à minha mulher.»

O que perdeu foi a personali-

dade. O ser continuava vivo...

«O ser vegetativo...»

Vegetativo, sim, mas que via e registava as coisas a passar...

«A resposta tem que ser outra.

Se estivesse aqui uma médica que me fez companhia, essa podia ajudar-me a responder... O que eu senti foi... Apercebo-me de que alguma coisa me aconteceu de grave, vou apercebendo-me cada vez mais à medida que saio de casa, que entro no carro e a minha mulher me leva ao Hospital de Santa Maria. Eu tinha estado internado, tinha tido um desastre de automóvel e todo aquele grupo de médicos que eu conhecia... É isto que me interessa, é o lado humano, o lado humanista. O resto é conversa. O resto é um problema científico, é para discutir à luz de Santo Agostinho, à luz de quem quiser. Para mim, a base é que tive uma sorte espantosa. Fui parar ao Santa Maria e fui apanhar médicos por quem tenho o maior reconhecimento...»

Não se questiona acerca dessa dissociação entre a personalidade e o ser que vive? Teve uma experiência espantosa de que o seu livro é testemunho, que é o de não ter memória, não ter personali-

de, deixar de ter *ego* e, no entanto, olhar e registar...

«Porque não cheguei à morte total. Se eu não tenho memória, não posso questionar-me...»

O que torna o caso ainda mais interessante é que o prof. Lobo Antunes diz que o sítio que foi afectado não foi o local da memória... Daí que a sua experiência possa ajudar os cientistas, que são na generalidade muito redutores.

**O que andava por ali era uma projecção. Tinha perdido todas as características culturais. Era a sombra branca**

«Não ponho a questão. Aquilo que experimentei, a consciência que tive, foi que, de repente, estou ao cimo da terra e não me questiono. Um tipo num estado destes não sabe se está vivo, se está morto. Tem, de vez em quando, vislumbres. Salvei-me daí. Só depois descrevo e relaciono. Na altura nem notava. Lembro-me de, durante um período, ver pessoas a aproximarem-se de mim e eu, que sou uma pessoa um bocado

irascível quando me chateiam, andava amável para toda a gente, sorria e não era um sorriso pequeno, era um sorriso simpático. Nunca fui um indivíduo muito simpático. Provavelmente, tive o instinto de que me sentia só, desprotegido e queria ser simpático às pessoas. Isto são conjecturas que eu também não valorizo. O que aconteceu é que via pessoas que de facto desapareciam quando chegavam ao pé de mim, quando eu passava por elas... Havia pessoas que não sabia o que eram. Estavam dentro de uma configuração ou de uma simbologia mental, aquilo é uma pessoa, vi pessoas...»

Cardoso Pires não estava na cama, andava normalmente, não tropeçava em nada. «Não estava assim tão mal, ainda tinha memória para me desviar...»

Depois, «a tal morte natural vai crescendo. Os médicos dizem que as coisas estavam a caminhar para o pior, a artéria já estava larguíssima e, de repente, deu-se aquela coisa espantosa, o soro começou a resultar com uma velocidade muito grande...»

Via pessoas que quando chegavam junto de si desapareciam. Como era isso?

«Eu andava, sabia que estava num mundo qualquer, tinha acabado de sair de um lugar do hospital e, quando começo a ir-me abaixo, de repente ouço: "Isto é muito sério e ele vai ter de ficar internado." Logo aí, reajo: "Internado, nunca!" Dali a três minutos, três horas ou três segundos, começo a andar num sítio que ainda me parecia com certeza um sítio fechado como esta casa, não era ao ar livre, não era no Olimpo, nem no Inferno, via pessoas que eu reconhecia como gente... A diferença entre pessoas e gente é que pessoas têm uma individualidade, mas imediatamente me esquecia delas... Passavam, mas eu esquecia-me delas. Isso chegou a um ponto tão grave que eu às vezes lembrava-me de uma coisa e ficava espantado por me lembrar e dizia assim: "Não vale a pena que daqui a bocado esqueço-me." Cheguei a um raciocínio destes...»

E o que eram as figuras em estátua que via?

«Ah, isso foi uma vez que eu fui ao pé do elevador... Estava num momento de sol, misterioso...»

Via oniricamente?

«Sim. Aí está a meter-se para um campo que me parece muitíssimo interessante, mas para onde nunca me meti. Repare, eu não queria escrever o livro. Pensava: a literatura médica tem disto aos pontapés, e é quando o Lobo Antunes me diz: "Você está muito enganado, porque não escreve o que me contou..."»

E a literatura médica, afinal, não tem descrições destas a pontapés...

«Se, por acaso, isto que eu escrevi e me deu bastante trabalho contribuisse, no mínimo, em alguma coisa, eu considerava uma honra, uma alegria...»

## A paixão do sobrenatural surge por vezes perto da morte

■ Regra geral, admite Cardoso Pires, «quando um indivíduo está perto da morte, tem tendência a envolver tudo num mistério mais ou menos místico. Deus passa a ser o comandante. À medida que se aproxima da morte o homem perde confiança na vida e está cada vez mais a acreditar no sobrenatural, na paixão do sobrenatural. Ele pensa que tudo está numa sombra tão densa, tão densa, que nem a ciência consegue resolver por inteiro...»

Depois de ter tido a experiência da «sombra branca», o escritor garante que não se questionou sobre a morte.

«Fui católico praticante, activo, fui catequista, sabia ajudar à missa em latim. Quando cheguei aos 15, 16 anos, num mês, sem crise mística nenhuma muito profunda, apenas por análise, cortei com a religião.»

Acha então que o homem é simplesmente uma química?

«Não, não posso pôr isso com essa facilidade. Não quero ir para essa conversa, pela razão de que seria uma entrevista que nunca mais acabava. Íamos chegar à essência da alma e não tenho tempo. Comigo não! É um assunto que não me toca...»

*De Profundis* deixa ficar essa dúvida...

«Sim, põe em dúvida muita

### **Quando cheguei aos 15, 16 anos, num mês, sem crise mística nenhuma, apenas por análise, cortei com a religião**

coisa. Lembro-me de estar no Papa Açorda com uns amigos e, a certa altura, estavam umas pessoas numa mesa, a olhar para mim. Há uma senhora que se dirige a mim e diz: «Não me conhece, mas eu sou uma admiradora sua e estou muito impressionada com o seu livro.» E pergunta: «O senhor não é religioso?» Não, sou agnóstico. «Parece impossível!», disse e virou-me as costas. Aquela gente olhou para mim com um desprezo incrível...

O livro deixa isso em aberto...

«É possível, mas não conscientemente. Essa inquietação desapareceu há 40 e tal anos... Por temperamento, tenho coisas muito estranhas. A morte é uma coisa que me complica. Só me preocupa nos aspectos exteriores. A relação da morte com a dor, o sofrimento e a humilhação.»

Humilhação em que sentido?

«No sentido do doente que está degradado e pode ser tratado como um cão. Inclusivamente, a morte interessa-me como indústria e pelas especulações a que dá lugar. As indústrias funerárias são das mais ricas do mundo, um negócio da China! Também me interessa a morte no que ela representa de aniquilação do espírito do homem e da sua capacidade. E, finalmente, para mim, a medicina não serve apenas para salvar a vida, serve também para ajudar a morrer e isso os médicos não querem! O problema da eutanásia é complexo. Tem a ver com questões culturais, religiosas. Quando falo da eutanásia falo daquilo a que chamo a morte ajudada. Esses problemas, sim, interessam!»